

**CONFERÊNCIA DE HOMENAGEM A HENRIQUE MEDINA CARREIRA
“A DÍVIDA PÚBLICA E O CRESCIMENTO ECONÓMICO EM PORTUGAL”
SESSÃO DE ABERTURA**

Quinta, 28 setembro 2017, 15:15

Fundação Calouste Gulbenkian, Auditório 2

Senhor Governador do Banco de Portugal, Dr. Carlos Costa

Senhora Presidente do Conselho das Finanças Públicas, Dra. Teodora Cardoso

Senhor Presidente do Fórum para a Competitividade, Dr. Pedro Ferraz da Costa

Cara Maria Paula Medina Carreira

Caros Colegas

Caros Doutor Artur Santos Silva e Prof. Doutor Eduardo Lourenço

Ilustres Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É com grande satisfação que a Fundação Calouste Gulbenkian acolhe esta justíssima homenagem a Henrique Medina Carreira. Felicito naturalmente o Fórum para a Competitividade pela oportunidade desta iniciativa, sobretudo num momento da nossa história em que as preocupações permanentes do nosso homenageado continuam a desafiar o nosso futuro coletivo.

Julgo que facilmente conseguimos imaginar o que diria Henrique Medina Carreira sobre a situação atual de Portugal, mas estou certa que na mesa redonda desta tarde muitas outras pistas surgirão sobre a relação que traçava entre o excesso da dívida pública e o crescimento económico.

Medina Carreira, um inconformado inconformista - perdoem-me a redundância - sempre teve um sentido muito crítico quanto à situação económica e financeira de Portugal.

Da sua análise constante, uma espécie de consciência nacional, muito embora desconfiasse daquilo a que chamava o “Português coletivo”, destacaria:

- por um lado, a sua persistente e consistente intervenção cívica em prol do rigor e da sustentabilidade das finanças públicas; mas também e por outro lado,
- a exigência que reclamava dos cidadãos sobre o desempenho dos atores políticos. Finalmente,
- a defesa intransigente do respeito pelos princípios fundamentais de uma ética prática que, na sua opinião, eram o alicerce da confiança necessária para uma saudável e próspera convivência social.

Sobre ele, a jornalista Anabela Mota Ribeiro escreveu que apreciava “as pessoas com fulgor. Não aprecia(va) os patetas, os tralfulhas, os corruptos”. E descreveu-o como alguém que, muito embora, numa primeira abordagem, o seu estilo fosse o de chegar e pôr uma bomba, e cito, numa segunda abordagem, poderia ser extraordinariamente cortês.

Penso que se trata de um retrato que muitos hoje aqui presentes reconhecerão e que o Henrique Medina Carreira justificava com a sua educação militar e experiência de vida.

Uma palavra muito especial para a sua Filha, Maria Paula Medina Carreira, aqui presente, que está seguramente na linha da frente da saudade que o Henrique nos deixou.

Foi subsecretário de Estado do Orçamento do Ministro das Finanças Salgado Zenha, no VI Governo Provisório, e, de seguida, Ministro das Finanças do I Governo Constitucional. Nessa condição, teve de enfrentar as consequências financeiras do PREC e os efeitos do primeiro choque petrolífero. Ainda iniciou as

negociações com o Fundo Monetário Internacional para o que seria o primeiro programa de ajustamento da economia portuguesa. No entanto não o concluiu devido à queda do Governo a que pertencia, em dezembro de 1977.

Conheci-o nessa altura, como quadro do Ministério das Finanças, e com ele mantive relações muito amistosas e “divertidas” ao longo da vida.

Com o abandono das funções governativas, prosseguiu a sua atividade profissional como advogado e fiscalista, e assumiu uma intervenção mais frequente no espaço público, abordando aspetos relacionados sobretudo com a fiscalidade e as contas públicas.

Mantendo uma intervenção constante em diversos fora e na comunicação social, ganhou especial notoriedade pública, e influência popular, acrescentaria, com uma presença regular na televisão com os programas “Plano Inclinado” e “Olhos nos Olhos”. Esta notoriedade e popularidade fizeram-no ser olhado, por alguns quadrantes, como uma voz incómoda, com um discurso inconveniente.

Pessimista, chamavam-lhe, para o desvalorizar e tentar desacreditar as suas críticas. Ao que ele desempoeiramente retorquia, “Chamam-me assim porque, para me responderem, tinham de ir trabalhar, estudar os números, raciocinar”.

Medina Carreira defendia sempre os mais desfavorecidos, que impunha proteger, em quaisquer circunstâncias, da classe política, que considerava muito mal preparada: “Eu estou do lado das pessoas que, na escala social, são mais exploradas, mais enganadas. Estou sempre, espontaneamente, do lado do fraco”, fim de citação.

A sustentabilidade do estado social constituía, por isso, a sua preocupação mais central. Para Medina Carreira, os políticos, pela ânsia de serem populares e a necessidade de ganhar votos, prometiam sempre mais do que podiam dar, colocando o Estado a distribuir mais do que tinha ou podia coletar.

Acumulavam-se assim dívidas que, mais cedo ou mais tarde, esgotariam o crédito do País, ameaçando a sustentabilidade do sistema redistributivo e do crescimento da própria economia.

Contrariamente às acusações de que seria adversário do Estado Social, o que Medina Carreira sempre defendeu foi a sua sustentabilidade, sem a qual aquele poderia acabar por deixar completamente desprovidos muitos dos que dele dependiam.

Empenhava-se, assim, em esclarecer os cidadãos, contribuindo para que pudessem fazer escolhas mais informadas e, dessa forma, elevar o nível de exigência colocado aos seus representantes políticos. Esperava assim contribuir para que a Democracia pudesse realizar aquilo que dela mais se espera: que as decisões do conjunto sejam, a todos os títulos, decisões mais acertadas.

Mas Medina Carreira era, acima de tudo, um homem livre. Livre de quaisquer dependências, materiais ou ideológicas, e era essa liberdade que lhe permitia a franqueza e a frontalidade com que intervinha publicamente e que, de certa forma, incomodava muitos dos seus críticos.

Por todos estes motivos a Fundação associa-se honrosamente a esta merecida homenagem ao Homem e ao empenhado Cidadão que foi Medina Carreira e que assim permanecerá nas nossas memórias.

A sua morte deixa um vazio óbvio e, por isso, ele faz tanta falta.

Obrigada.

Isabel Mota